



**ATIVIDADE FÍSICA E AUTISMO: um relato de experiência dos
profissionais de Educação Física da Associação Diurza Leão da
cidade de Inhumas- Go**

**Cinthia Fernandes da Luz
Márcia Beatriz Franco Pereira**

Orientador: Prof.^a Me Cátia Rodrigues dos Santos

Trindade-GO
2020

FACULDADE UNIÃO DE GOYAZES

**ATIVIDADE FÍSICA E AUTISMO: um relato de experiência dos
profissionais de Educação Física da Associação Diurza Leão da
cidade de Inhumas- Go**

Cinthia Fernandes da Luz

Márcia Beatriz Franco Pereira

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à Faculdade União de Goyazes como
requisito parcial à obtenção do título de
Bacharel em Educação Física.

Orientador: Prof.^a Me Cátia Rodrigues dos Santos

Trindade - GO

2020

Cinthia Fernandes da Luz
Márcia Beatriz Franco Pereira

**ATIVIDADE FÍSICA E AUTISMO: um relato de experiência dos
profissionais de Educação Física da Associação Diurza Leão da
cidade de Inhumas- Go**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à Faculdade União de Goyazes como
requisito parcial à obtenção do título de
Bacharel em Educação Física, aprovada pela
seguinte banca examinadora:

Prof. Me Cátia Rodrigues dos
Membro interno da FUG e orientadora

Fernanda José de Souza
Prof. da FUG
Faculdade União de Goyazes

Celisa L. Prata Cardoso
Prof. Convidado Externo

Trindade - GO
15/12/202

ATIVIDADE FÍSICA E AUTISMO: um relato de experiência dos profissionais de Educação Física da Associação Diurza Leão da cidade de Inhumas- Go

Cinthia Fernandes da Luz¹¹
Márcia Beatriz Franco Pereira²¹
Me Cátia Rodrigues dos Santos³²

RESUMO

O objetivo principal deste artigo foi investigar a percepção dos professores de Educação Física da Associação Diurza Leão da cidade de Inhumas - Go sobre benefícios das atividades físicas para sujeitos que apresentam Transtorno do Espectro Autista. Para tanto, os dados foram coletados na Instituição pesquisada, com dois professores de Educação Física. O instrumento foi um questionário com questões abertas. Os resultados da pesquisa mostraram que os professores têm conhecimento sobre o autismo e de suas limitações e por essa razão reconhecem que a participação desses sujeitos em programas e projetos que envolvem exercícios físicos pode apresentar resultados satisfatórios. A literatura em diálogo com os professores entrevistados demonstra que um sujeito diagnosticado com TEA pode se beneficiar dos exercícios físicos e desenvolver a linguagem, a mobilidade, a interação e a comunicação e a natação foi apontada como a atividade que as crianças autistas mais se adaptam na instituição pesquisada.

PALAVRAS-CHAVE: Transtorno do Espectro Autista; Limitações; Atividade física.

PHYSICAL ACTIVITY AND AUTISM: an experience report by Physical Education professionals from the Diurza Leão Association in the city of Inhumas-Go

ABSTRACT

The main objective of this article was to investigate the perception of Physical Education teachers of the Diurza Leão Association in the city of Inhumas - Go about the benefits of physical activities for subjects with Autism Spectrum Disorder. This autistic disorder has persistent deficits in social communication and social interaction in multiple contexts. For that, the data were collected in the researched institution, with two Physical Education teachers. The instrument was a questionnaire with open questions through. The results of the research showed that teachers are aware of autism and its limitations and for this reason recognize that the participation of these subjects in programs and projects that involve physical exercises can present satisfactory results. The literature in dialogue with the interviewed teachers demonstrates that a subject diagnosed with ASD can benefit from physical exercises and develop language, mobility, interaction and communication and swimming was pointed out as the activity that autistic children most adapt to. researched institution.

KEYWORDS: Autistic Spectrum Disorder; Limitations; Physical activity.

¹¹ Acadêmica do Curso de Educação Física da Faculdade União de Goyazes

²¹ Acadêmica do Curso de Educação Física da Faculdade União de Goyazes

³² Orientador: Mestre da Faculdade União de Goyazes

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa problematiza concepções arraigadas sobre o autismo por meio de uma discussão teórica e prática das diversas possibilidades de se desenvolver os potenciais da criança autista com atividades físicas. Propõe reflexões a partir de diferentes abordagens voltadas para a necessidade de adoção de uma postura que conceba a criança autista nas suas relações concretas, focando a tríade (linguagem, interação e comportamento) no seu processo de desenvolvimento.

Autismo é uma palavra de origem grega (*autos*), que significa por si mesmo. As primeiras tentativas de definição deste termo teve início com Leo Kanner em 1943 no artigo intitulado: “Distúrbios autísticos do contato afetivo” (*Autistic disturbances of affective contact*). Ao reportar o estudo de Kanner, Schwartzmam (2003) destaca as colocações deste autor sobre o isolamento autístico, que já se fazia presente na criança desde seu nascimento, sugerindo, que tal comportamento indicava um distúrbio inato.

Em sua discussão sobre as possíveis causas da desordem, Kanner sugeriu que essas crianças, normais ao nascimento, demonstraram os sérios problemas de comportamentos apresentados devidos problemas ambientais, de maneira mais específica, de maternagem inadequada. Tal perspectiva, acolhida por diversos autores e clínicos de renome, contribuiu para a difusão da etiologia relacional do autismo infantil (SCHWARTZMAM, 2003).

Em 1944, o médico austríaco Hans Asperger, publicou o artigo “Psicopatia Autística” no qual descreveu crianças semelhantes às descritas por Kanner com algumas distinções. Para Asperger, essa síndrome é caracterizada por dificuldades de integração social das crianças, mas, seus portadores apresentavam um bom nível de inteligência e linguagem, sendo que os sintomas surgiam após o terceiro ano de vida (DIAS, 2015).

No início da década de 60, um contínuo corpo de evidências começou a acumular-se, tendo sido sugerido que o autismo era um transtorno cerebral presente desde a infância, identificado em todos os países e grupos socioeconômicos e étnico-raciais investigados. Em 1978 Michael Rutter apresentou uma definição do autismo a partir de quatro critérios. O primeiro é o atraso e desvio social não apenas como função de retardo mental. O segundo, problemas de comunicação apontados também não como função de retardo mental. O terceiro são os comportamentos

incomuns como movimentos estereotipados e maneirismos e por último, o início antes dos 30 meses de idade (KLIN, 2006).

Valentim (2003) ressalta que os vários estudos já publicados sobre o autismo apontam que fatores emocionais, dinâmicos, não podem ser responsabilizados de forma isolada pelo quadro e que fatores biológicos estão presentes na grande maioria dos casos de autismo infantil.

Em estudos realizados, no Canadá, por Bryson & Cal (1988), estimaram que em cada mil crianças nascidas, uma seria autista. Mostraram ainda que, a incidência de autismo seria de 3 a 4 meninos para cada menina afetada. Nas famílias, esse transtorno ocorre de maneira semelhante mesmo naquelas de classe social, econômica, cultural ou religiosa distinta (DIAS, 2015).

De acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM IV, 1995) as características do autismo são: interação social marcada pelo isolamento social, medo de estranhos, falta de interação com outras crianças, pouca comunicação verbal, ausência de movimento antecipatório; atraso na fala, afirmação de tom interrogativo; comunicação não verbal, hipotonia muscular, posturas corporais estereotipadas, ausência de gestos sociais; hiperatividade; autoagressão, estereotipias motoras, comportamentos repetitivos, prejuízo na funcionalidade do brinquedo, medos incompreensíveis, fascinação por objetos que rodam (SILVA; MULICK, 2009).

Os autistas precisam de cuidados multidisciplinares e o tratamento envolve técnicas voltadas para mudança de comportamento, programas educacionais ou de trabalho, além de terapias de linguagem e comunicação (DIAS, 2015). Dentre as estratégias apresentada na literatura está à atividade física.

Ao participar de uma atividade física as crianças autistas podem vencer a ociosidade, a baixa capacidade de iniciativa, desenvolvendo assim uma interação social mais adequada, melhora da coordenação motora e da capacidade cognitiva ou emocional além de desenvolver a consciência corporal e espaço temporal (AGUIAR, 2017).

As vantagens da prática de exercício físico por crianças com transtorno do espectro autista, têm sido estudadas, contudo, ainda não está claro de que forma cada tipo de atividade pode contribuir para o progresso da pessoa autista. Portanto, torna-se importante investigar como o exercício físico pode contribuir para o aprimoramento de aspectos motores de crianças e jovens com autismo. Diante

disso, o objetivo da presente pesquisa foi investigar a percepção dos professores de Educação Física da Associação Diurza Leão da cidade de Inhumas - Go sobre benefícios das atividades físicas para sujeitos que apresentam Transtorno do Espectro Autista.

MATERIAIS E MÉTODOS

Este estudo trata-se de uma pesquisa de campo de caráter investigativo exploratório e para o embasamento teórico contou com dados bibliográficos. O caráter exploratório se deu pela necessidade de trabalhar motivos, atitudes, sentimentos, crenças, valores e intenções. Teve como método o estudo de caso, uma vez que a pesquisa contou com a participação, somente, de 2 profissionais de Educação Física da Associação Diurza Leão da cidade de Inhumas- Go.

A faixa etária dos alunos que é de 3 anos até a terceira idade. A unidade funciona como um local que faz atividades multidisciplinares e conta com outros profissionais: pedagoga, psicólogos, terapeuta ocupacional, fonoaudiólogos, musicoterapeuta, ecoterapeutas que atendem tipos de pacientes que não são apenas autistas e que são deficientes no geral.

Esse processo contou com coleta prospectiva de dados sobre os possíveis benefícios proporcionados pelas atividades físicas à criança autista na associação citada.

Os critérios de inclusão foram profissionais que atuam na área de educação física da instituição e os de exclusão foram profissionais que não atuam na área de interesse. Para a coleta de dados foi aplicado junto aos participantes um questionário com oito questões abertas. Os mesmos foram contatados no próprio local de pesquisa, a partir de agendamento prévio. O Termo Livre Esclarecido (ANEXO I) foi aplicado em duas vias, em uma sala reservada, seguindo todos os protocolos de cuidados ante a pandemia do coronavírus e garantindo a privacidade dos participantes.

Por se tratar de questões abertas não foi realizada análise estatística. As respostas dos questionários foram corroboradas com a literatura especializada buscando-se desse modo responder à problemática e os objetivos do estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a realização da pesquisa foram escolhidos 2 profissionais de educação física da Escola Especial Estadual Diurza Leão da cidade de Inhumas- Go, que atuam com crianças autistas e que têm conhecimento teórico e prático dos benefícios da atividade física para o desenvolvimento psicomotor da criança de um modo geral.

Sendo eles, (**Questão 1**) do gênero masculino e se encontram na faixa etária entre 31 e 32 anos de idade, ambos solteiros e licenciados em Educação Física. E para melhor organização didática os entrevistados foram nomeados de professor **1** e **2**. O professor 1 é formado em licenciatura Plena pela UEG de Porangatu no período de 2006 a 2010 e concluiu pós-graduação em Inclusão no ano de 2019 em Goiânia na Alpha. O referido professor atua no Durza Leão a 2 anos e especificamente com autistas a 9 anos.

O professor 2 tem bacharelado e licenciatura em Educação Física, Complementação Pedagógica em Pedagogia com as seguintes especializações: Psicopedagogia Institucional e Clínica, Docência Universitária, Cursando Pós-Graduação em Educação Especial e Inclusiva com ênfase no AEE, Alfabetização e Letramento Anos Iniciais e EJA. Trabalha a 1ano e e 6 meses no Diurza Leão.

Questão 2 Qual sua percepção sobre o transtorno de Espectro Autista – TEA?

O primeiro entrevistado, **professor 1**, respondeu que foi uma das experiências mais complexas que ele vivenciou como professor de Educação Física, mas, ao mesmo tempo foi a mais satisfatória porque teve oportunidade de ajudar a entender o comportamento dessas pessoas, uma vez que, vivem em um mundo próprio dentro de si.

Para o **professor 2**, o Transtorno do Espectro Autista engloba várias condições marcadas por diferentes perturbações do desenvolvimento neurológico, que podem se manifestar em conjunto ou isoladamente, todas relacionadas com

dificuldades no relacionamento social, de comunicação e linguagem além de comportamento restritivo e repetitivo.

As percepções dos professores sobre o Transtorno do Espectro Autista corroboram com a literatura e sinalizam que um trabalho direcionado esteja sendo realizado na instituição, uma vez que, o sucesso de todo o processo que envolve aprendizagem requer tanto a teoria, quanto a prática.

Para Camargo e Bosa (2009), em razão de ser uma síndrome comportamental de etiologia variada, o autismo causa déficits de socialização, traduzido na inabilidade na relação com o outro, geralmente, combinado com *déficit* de linguagem e alterações de comportamento.

Capuzzo et al. (2019) relatam que os sujeitos autistas têm estilo cognitivo diferente dos demais. Eles têm sentimentos, conseguem ouvir e ver, contudo, a maneira como seu cérebro administra essas informações é peculiar e por isso, desajustes qualitativos na comunicação e interação social são descritos no DSM V.

Hobson (1993) citado por Capuzzo et al. (2019) afirma que esse estilo cognitivo distinto é decorrente da limitação ou deficiência na capacidade de ter um sentido da relação pessoal e de conhecer essa relação, ou de criar uma definição para a interação social e conseqüentemente participar da mesma. Nesse sentido, isto traz dificuldades intrínsecas à generalização de conhecimento a partir da imitação que diferentemente da imitação do desenvolvimento normal que é criativa e ativa, no autismo parece ser engessada como uma cópia exata. Isso porque crianças autistas de um modo geral não têm estratégias para compartilhar atenção com os outros.

O autor Klin (2006) citado por Silva et al. (2018) descreve que esse transtorno compromete de maneira permanente os indivíduos acometidos por ela, causando dependência e necessitando do apoio permanente, tanto das família quanto das instituições que desenvolvem trabalhos relacionados a eles.

Também são descritas outras características como linguagem marcada por jargão, ecolalia, reversões de pronome, prosódia anormal e entonação monótona. Esses *déficits* prosseguem na vida adulta, sendo que uma grande proporção de autistas permanece sem se expressar verbalmente. Também apresentam estereotípias e movimentos repetitivos como balançar o corpo, agitar as mãos, caminhar em círculo e repetição de frases (GADIA et al., 2004).

O trabalho com a criança autista envolve necessariamente, um conjunto de saberes e práticas voltados para a interação e estratégias de comunicação, pois, uma das mais importantes dificuldades das pessoas com autismo é se interagir com outras pessoas. Tal importância se dá, ainda, porque a cada ano o número de crianças diagnosticadas com TEA tem aumentado de maneira expressiva. Estudos realizados pelo Centro de Controle e Prevenção de Doenças Norte-americanas apontam que existe cerca de um milhão e meio de pessoas com TEA somente nos Estados Unidos. Esses índices mostram que, uma a cada 150 crianças nascem com a síndrome (PRAXEDES, 2018).

Sobre a questão 3:

Questão 3 Como você descreveria o processo de socialização, autonomia, da pessoa com transtorno do espectro autista uma vez inserida a uma atividade física?

A descrição dos professores acerca do processo de socialização e autonomia das pessoas com TEA uma vez inserida em atividade física, o **professor 1**, considera que é um processo diário e contínuo, uma vez que cada aluno exige um tipo de acompanhamento específico e individualizado, visando sua reabilitação global. Para tanto, é necessário que o professor manipule diferentes recursos na aprendizagem, pois, cada um aprende de forma diferente.

De acordo com o **professor 2**, às vezes se torna muito complexo, pois, cada aluno se trata de um caso diferente, mas, que acredita que ao se trabalhar com Educação Física adaptada, o professor consegue conquistar a confiança do aluno da melhor forma, visando a inclusão do mesmo na sociedade.

Afirmativa comentada por Silva et al. (2018) que dizem que as crianças autistas devem conviver com outras da mesma faixa etária, principalmente no ambiente escolar. Essa interação viabiliza os estímulos e capacidades de interação que impede o isolamento usual do autista.

Tomé (2016) chama a atenção para a forma como o autismo é tratado pela grande maioria da sociedade. Pela a falta de conhecimento, e pela dificuldade de compreender suas limitações as pessoas tendem a excluir essas crianças. O autor reforça ainda que, o comportamento negativo da sociedade em relação às pessoas

com TEA acaba prejudicando o seu gozo de direitos e de desfrutar de coisas simples ou de conviver em grupos e relacionar-se.

Segundo Praxedes (2018) as pessoas com TEA não conseguem se interagir facilmente porque têm complicações na articulação de palavras e expressões de personalidade. Além destas, o autor menciona características peculiares como: comportamento hiperativo; apego a objetos e rotinas e outras alterações nos domínios comportamentais, perceptivo-motores e cognitivos.

Piekarz e Borchardt (2017) o autista apresenta dificuldades para desenvolver a linguagem, de ser relacionar com os demais, são resistentes as mudanças do ambiente e um medo extremado de eu alterem sua rotina.

Teles e Cruz (2018) afirmam que pessoas autistas possuem singularidades em razão de serem únicas, de possuírem características totalmente diferentes, em graus distintos. Independente de ser autismo leve, moderado ou severo, nenhum indivíduo portador deste transtorno possui características ou diagnóstico semelhante. Por isso, não existem diagnósticos iguais em manuais, testes ou tabelas.

Pessoas do espectro autista podem estar expostas ao risco de inatividade física devido às dificuldades associadas ao seu comportamento. Nesse sentido, muitos se tornam obesos. A literatura tem mostrado que crianças e jovens autistas que participam regularmente de atividades físicas podem melhorar tanto a qualidade de vida, quanto a interação social.

Acerca disso, os professores foram indagados sobre as dificuldades que existem para as pessoas com autismo se inserir nas atividades esportivas.

Questão 4 Quais são as principais dificuldades que as pessoas com o transtorno do espectro autista podem enfrentar para participar de atividades esportivas?

Para o **professor 1**, é a interação com outros alunos e sair da rotina que eles estão acostumados. O **professor 2**, afirma que a dificuldade é relacionada a comunicação e conseqüentemente a capacidade de interação social, além da dificuldade manter o aluno atento por um determinado tempo, porque ele não consegue seguir as regras pré-estabelecidas por muito tempo.

As dificuldades relatadas pelos professores têm sido apontadas na literatura, contudo, os artigos que trazem esse assunto sinalizam a importância de se superar

essas limitações, pois, a prática esportiva traz benefícios positivos para a criança com TEA.

Para Praxedes (2018) a principal dificuldade de pessoas autistas se inserirem em atividades esportivas, além do isolamento social, são alterações no desenvolvimento motor porque existem evidências que mostram atrasos na marcha, *déficits* no equilíbrio, esquema corporal, organização espacial e temporal. Outras dificuldades relatadas são nos movimentos oculares e de controle motor fino.

Já, Hoffmam (2018) descreve que mesmo diante das dificuldades, é preciso analisar e discutir de que forma as práticas esportivas podem contribuir para que essas pessoas se integrem e quais ações precisam ser implementadas. Para esta autora, o esporte pode romper determinadas barreiras, pois, a integração é um processo interior, que pode levar o indivíduo a romper barreiras consigo mesmo e vislumbrar a possibilidade de superar seus próprios limites, a partir da realização de tarefas que sejam compatíveis com sua limitação, sendo ela física ou mental.

Maia; Bataglion e Mazo (2020) afirmam que a aula de Educação Física, por explorar a socialização, o trabalho em equipe, o movimento e as relações com o próprio corpo, pode representar ao mesmo tempo grandes desafios e inúmeras possibilidades de participação, aprendizagem e desenvolvimento biopsicossocial para as pessoas autistas, pois, a maior dificuldade está na interação com os demais e sobretudo, de compartilhar, conversar, olhar nos olhos, ações muito comuns em práticas esportivas.

Questão 5 Qual o grau de engajamento das pessoas com o transtorno do espectro autista nas atividades esportivas?

Sobre o grau de engajamento das pessoas com TEA nas atividades esportivas **o professor 1** respondeu que quando a atividade proposta é realizada de forma que chame atenção e envolva o aluno a interação vai ser enorme. Já para o **professor 2**, o autismo pode limitar significativamente a capacidade do indivíduo para participar de atividades diárias e que se não tiveram acompanhamento frequente, e uma pessoa que o estimule, o aluno perde o foco.

Na literatura essas dificuldades estão associadas ao comprometimento do desenvolvimento motor, pois, existem evidências de que crianças que não tiveram

uma ampla experiência motora podem ter seu desenvolvimento motor comprometido. Tal limitação se reflete no momento da prática de atividade física.

Em um estudo realizado por Lourenço et al. (2016) onde foi observada a participação de crianças autistas em programas de atividades físicas entre os anos de 2010 e 2015, com o objetivo de auxiliar na superação destas dificuldades, mostraram que várias modalidades como: dança, técnicas de Kata (técnicas de judô), exercícios de estabilização do “core”, que é muito utilizado também pela fisioterapia, ajudando na estabilidade e força, treino de trampolins, exercícios de baixa intensidade, exercícios aquáticos/natação, corrida, exercícios terapêuticos e atividades de lazer foram extremamente positivo para a melhoria da interação, da mobilidade e desenvolvimento da linguagem dos participantes.

Maia, Bataglio e Mazo (2020) relatam que as atividades físicas possuem conteúdos voltados para a chamada cultura corporal e do movimento num espaço permeado de brincadeiras, jogos, esportes, danças, lutas, ginástica entre outras práticas corporais que possuem potencial para auxiliar na aprendizagem do indivíduo autista.

Questão 6 Quanto tempo, em média, leva uma pessoa autista para apresentar um bom envolvimento com as atividades físicas da Instituição?

Sobre a previsão do tempo que uma pessoa leva em média para iniciar um bom engajamento com as atividades físicas na associação, o **professor 1** respondeu que não existe um tempo específico e que alguns alunos podem ser conquistados em dias, já outros levam anos. O **professor 2** respondeu que isso varia de pessoa para pessoa, pois aquelas com TEA frequentemente apresentam outras condições concomitantes, incluindo epilepsia, depressão, ansiedade, hiperatividade, entre outros.

No estudo de Schliemann (2013) com crianças autistas que se inseriram em atividades físicas, concluiu que não há um tempo definido para que estes se interessem por essas práticas, porque dependerá da maneira como isso é passado e/ou trabalhado, se a atividade lhe despertará interesse ou não.

Aguiar et al. (2017) realizou estudo com 16 meninos autistas entre 6 e 10 anos num período de 10 semanas com uma programação de 90 minutos dedicados

a atividade físicas. Os autores concluíram que devido às características próprias do TEA, não foi possível identificar o tempo que cada um dos participantes levou para aderir à proposta, porque dependeu da forma como cada um foi motivado a participar.

Em entrevista aplicada a um grupo de professores de Educação Física, uma das professoras entrevistadas relatou que nem sempre indivíduos autistas participarão da proposta formal de aula; nem sempre interagirão com os demais colegas como os outros alunos em sua maioria interagem; nem sempre irão até mesmo participar da proposta de aula, dependendo do dia. Assim como qualquer criança com TEA ou não alguns são mais comunicativos, conseguindo expressar suas preferências.

Questão 7 Quais são os benefícios da aula de Educação Física para o desenvolvimento do aluno com o transtorno do espectro autista?

Os benefícios da aula de Educação Física para crianças autistas foram apontados pelo **professor 1**, como inclusão social, melhoria na qualidade de vida, redução do estresse e ampliação da comunicação com os demais alunos. O **professor 2**, mencionou como benefícios da atividade física para pessoas autistas, a melhoria na comunicação, no convívio social e nos estudos redução da tensão, melhora no aparelho locomotor e redução de peso em caso de obesidade.

Schliemann (2013) elencou esses benefícios em quatro níveis. O primeiro deles é relacionado ao condicionamento físico de um modo geral, particularmente a capacidade cardiovascular. Esse aspecto é apontado pelo autor como de grande relevância para pessoas sedentárias ou com deficiência porque o sedentarismo pode deteriorar as capacidades funcionais do coração. Ao participar de atividades físicas esses indivíduos podem ter redução de estereotípias que acabam interferindo na adaptação do portador de TEA com o meio em que vive convivência.

O segundo nível é a aprendizagem sensório-motora e de funções cognitivas que devido às deficiências não atingem um nível satisfatório. É muito importante que o ser humano tenha conhecimento e entenda as propriedades biomecânicas do corpo bem como o processamento de informações sensoriais. Ou seja, a atividade física poderá melhorar a imagem corporal e se tornar um referencial para a criança

autista entender que ao praticá-las, está trazendo benefícios para si mesmo (SCHLIEMANN, 2013).

O terceiro nível é a socialização que conseqüentemente se reflete sobre a comunicação verbal e não verbal. Tais aspectos viabilizam o compartilhamento de emoções por meio de posturas, gestos e contemplação. O quarto nível é a natureza hedônica que faz parte da prática esportiva e que viabiliza melhoria na qualidade de vida, além, de maior compreensão de si próprio e de suas habilidades (SCHLIEMANN, 2013).

Questão 8 Em sua opinião, qual seria a atividade esportiva da escola que as pessoas com autismo melhor se adaptam e por quê?

Sobre a atividade esportiva que a pessoa com autismo melhor se adapta, os dois professores descreveram a natação e a recreação aquática, porque trabalha o tônus muscular, ajuda a fortalecer o aparelho cardiorrespiratório, sendo que a própria água funciona como elemento terapêutico possibilitando o desenvolvimento da coordenação motora.

Barreto e Rabay (2018) citam que a natação pode melhorar o tônus muscular, a mobilidade, além de ter a função relaxante para a criança com TEA e que a prática de atividade física em meio aquoso pode melhorar a tensão e ansiedade em pessoas com esse transtorno. No meio líquido, as percepções de equilíbrio, de orientação do corpo, de movimento dos membros em relação ao tronco são diferenciadas. Nesse meio as atividades motoras promovem o desenvolvimento cognitivo, afetivo, emocional e social, sendo mencionadas como um excelente meio de execução motora, favorecendo o desenvolvimento global do indivíduo com limitações.

Autores como Schliemann (2013), Caruca e Lima (2018), Lourenço (et al., 2016) e Praxedes (2018) apontam que a natação contribui para o desenvolvimento global da criança autista e que é de grande importância elaborar ações voltadas para as particularidades de cada criança.

Sobre os benefícios da natação para indivíduos autistas Costa (2012) destaca que são: equilíbrio, lateralidade, afetivo, cognitivo, emocional e social, com o relato das principais limitações. Ainda que apresentem dificuldades no desenvolvimento de se relacionar com os demais, o meio aquático promove a sociabilização desses indivíduos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos últimos anos o olhar da sociedade sobre as pessoas com deficiência mudou de maneira importante. Houve uma transição de uma atitude preconceituosa, para outra que não apenas reconhece o ser com suas limitações, como também viabiliza meios para que ele participe da sociedade de maneira equânime e significativa. Pessoas com espectro autista também ganharam um olhar diferenciado e atualmente elas participam de maneira mais ativa tanto da vida social, quando acadêmica.

Desse modo, pessoas autistas necessitam de cuidados multidisciplinares e tratamento que contenham técnicas que auxiliem na mudança de comportamento, além de programas educacionais e terapias para desenvolver a linguagem e a comunicação.

Nesse conjunto, as atividades físicas podem contribuir de maneira muito significativ. Com isso, o presente estudo demonstrou a partir dos relatos dos professores entrevistados e da literatura especializada que a atividades físicas podem proporcionar o desenvolvimento motor e cognitivo de crianças com autismo. A natação foi apontada como a atividade que as crianças autistas mais se adaptam na instituição pesquisada. A literatura por sua vez descreve que todas as atividades físicas podem proporcionar bem estar, ampliar a comunicação, reduzir a ansiedade, fortalecer a capacidade de interação social e consequente melhoria na qualidade de vida.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Renata Pereira de et. al. Importância da prática de atividade física para pessoas com autismo. **J. Health Biol Sci.** 2017; 5(2):178-183.

AMERICAN PSYCHIATRY ASSOCIATION. DSM-IV. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. 4 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

BARRETO Sara Milena; RABAY, Aline Silva Nobre. **Os benefícios da natação para crianças com transtorno do espectro autista** (2018) Disponível em < <https://www.iesp.edu.br/sistema/uploads/arquivos/publicacoes/os-beneficios-da-natacao-para-criancas-com-transtorno-do-espectro-autista-silva-sara-milena-barreto-da-.pdf>> Acesso em 12 nov. 2020.

BORTOLOTTTO, Patrícia Tascheto de Oliveira. Como acontece o processo de socialização com crianças autistas. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2018.

CAMARGO, Sígla Pimentel Höher; BOSA, Cleonice Alves. Competência social, inclusão escolar e autismo: revisão crítica da literatura. **Psicol. Soc.** vol.21. Florianópolis Jan/Apr. 2009. Disponível em: Acesso em: 18 ago. 2015.

CAPUZZO, Denise de Barros; SAMPAIO, Miliana Augusta Pereira; IRIGON, Simone Lima de Arruda. A percepção dos professores acerca da inclusão do aluno autista no ensino regular público municipal. **Revista Observatório**, Palmas, v. 5, n. 3, p. 405-423, maio. 2019.

CARUCA, Antonia Jucieelly Silva, LIMA, Deyseane Maria Araújo – “Os desafios e possibilidades de socialização de crianças autistas na escola numa perspectiva gestáltica. **Revista IGT na Rede**, v. 15, nº 29, 2018. p. 147 – 170. Disponível em <http://www.igt.psc.br/ojs>

COSTA, Marina da Silva Cruz. **Natação e seus benefícios para criança com Transtorno Espectro Autista** (2012) Disponível em < https://doity.com.br/media/doity/submissoes/artigo-43818830de5f92b489abb7b8686dda145832709b-arquivo_revisado.pdf> Acesso em 26 nov. 2020.

DIAS, Sandra. Asperger e sua síndrome em 1944 e na atualidade. **Rev. latinoam. psicopatol. fundam.** [conectados]. 2015, vol.18, n.2 [citado 2020-03-22], pp.307-313.

GADIA, C.A.; TUCHMAN, R.; ROTTA, N.T. Autismo e doenças invasivas de desenvolvimento. **Jornal de Pediatria**, v. 80, n.2, 2004.

HOFFMAM, Deborah Christina Lopes. Psicologia, esporte e inclusão: considerações sobre o transtorno do espectro autista e a inclusão social por meio de atividades esportivas. **Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas** v. 3, n. 6, jul./dez. 2018.

KLIN, Ami. Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral. **Rev. Bras. Psiquiatr.** [conectados]. 2006, vol.28, suppl.1 [citado 2020-03-22], pp.s3-s11.

LOURENÇO, Carla Cristina Vieira et al. Avaliação dos Efeitos de Programas de Intervenção de Atividade Física em Indivíduos com Transtorno do Espectro do Autismo. **Rev. bras. educ. espec**, v. 21, n. 2, p. 319-328, 2015

MAIA, Juliana; BATAGLION, Giandra Anceski; MAZO, Janice Zarpellon. Alunos com transtorno do espectro autista na escola regular: relatos de professores de educação física. **Rev. Assoc. Bras. Ativ. Mot. Adapt.**, Marília, v.21 n.1, p. 00-00, Jan./Jun., 2020.

PIEKARZ, Aleide; BÔA, Ariadina Sales; BORCHARDT, Claudineia. **A importância da educação física adaptada para crianças com autismo no ensino regular.** 2017. Disponível em < <https://multivix.edu.br/wp-content/uploads/2019/04/a-importancia-da-educacao-fisica->

adaptada-para-criancas-com-autismo-no-ensino-regular.pdf> Acesso em 26 nov. 2020.

PRAXEDES, Matheus Ramos da Cruz Jomilto. **A importância da educação física para o desenvolvimento motor de crianças e jovens com transtornos do espectro autista**. E-mosaicos v. 7, n. 14.

SANTOS, Carlos Cleiton Bezerra dos. **Relevância da natação para autistas na melhoria da qualidade de vida** (2014)

<http://www.fiepbulletin.net/index.php/fiepbulletin/article/view/4424/8656#>> Acesso em 23 nov. 2020.

SCHLIEMANN, André Lisandro. **Esporte e Autismo: Estratégias de ensino para inclusão esportiva de crianças com transtornos do espectro autista (TEA)**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade de Campinas – SP, 2013. Disponível em < www.bibliotecadigital.unicamp.br > Acesso em 23 nov. 2020.

SCHWARTZMAN, José Salomão. **Autismo infantil**. São Paulo: Memnon, 2003.

SILVA, Micheline e MULICK, James A. Diagnosticando o transtorno autístico: aspectos fundamentais e considerações práticas. **Psicol. cienc. prof.** [conectados]. 2009, vol.29, n.1 [citado 2020-03-22], pp.116-131.

SILVA, Simone Gama da. et al. Os benefícios da atividade física para pessoas com autismo. **Revista Diálogo em Saúde**. V. 1, n. 1 - jan/jun de 2018.

TELES, Perolina Souza; CRUZ, Cândida Luisa Pinto. **A prática esportiva como instrumento de inclusão: um estudo de caso sobre aprendizagem e desenvolvimento de aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA)** (2018) Disponível em < <https://eventos.set.edu.br/enfope/article/view/8954> > Acesso em 26 nov. 2020.

TOMÉ, Maycon Cleber. A educação física como auxiliar no desenvolvimento cognitivo e corporal dos autistas. **Movimento & Percepção**, v. 8, n. 11, pp. 231-248, jul/dez 2007. Disponível em: Acesso em: 21 out. 2016.